

“DEUS NÃO DIZ «APANHEI-TE!», MAS SIM «LEVANTA-TE». DEUS AGITA-NOS E DEUS INCITA-NOS: “TENTA OUTRA VEZ”

Os esforços do Arcebispo Desmond Tutu contra os preconceitos e a violência do sistema de apartheid da África do Sul valeram-lhe o Prémio Nobel da Paz em 1984. Nascido em 1931 em Klerksdorf, obteve a sua Licenciatura na Universidade da África do Sul em 1954 e tornou-se pastor em 1960. Estudou e ensinou na Inglaterra e na África do Sul; em 1975, foi nomeado Decano da Catedral de Santa Maria, em Joanesburgo, o primeiro negro sul-africano a ocupar essa posição. Em 1978, tornou-se o primeiro secretário-geral negro do Concelho de Igrejas Sul-Africano. Um crítico aberto da perversidade do apartheid, foi criticado e perseguido por amigos e inimigos, pela imprensa e por políticos. No entanto, movido por um extraordinário patriotismo e compromisso para com a humanidade, alimentado pela sua visão e, em última instância, pela sua fé, Desmond Tutu manteve a sua perseverança intacta.

Após a realização das primeiras eleições democráticas (e sem discriminação racial), em 1994, que finalmente pôs termo a oitenta anos de domínio da minoria branca no país, o novo parlamento eleito criou a Comissão para a Verdade e Reconciliação, designando Tutu como seu presidente, com a tarefa de liderar o país numa confrontação angustiante e inabalável com o seu passado. A sua fé num Deus Todo-Poderoso traduz-se na crença do princípio bíblico de que “o verbo se fez carne”; que a batalha pelo triunfo do Bem será ganha ou perdida, não apenas com orações, para através de ações que confrontem o mal existente na Terra.

Atualmente, o Arcebispo Tutu preside a um grupo de líderes mundiais proeminentes chamado “Os Anciãos”, que se valem da sua integridade e estatuto moral para lidar com alguns dos mais prementes assuntos globais. Outros membros desse grupo incluem Kofi Annan, Mary Robinson, Aung San Suu Kyi e Muhammad Yunus.



Archbishop Desmond Tutu. ©2000 Eddie Adams

ENTREVISTA RETIRADA DO LIVRO “DIZER A VERDADE AO PODER”, DE KERRY KENNEDY, 2000

Na África do Sul, existe uma elevada taxa de desemprego que ajuda a propagar o crime violento. Estes dois males alimentam-se mutuamente porque a existência de criminalidade tende a deixar os investidores estrangeiros nervosos. Deste modo, não há investidores suficientes para produzirem um impacto significativo na economia, impedindo que terríveis legados do apartheid (as deficiências na habitação, educação e saúde) sejam verdadeiramente solucionados.

Se quisermos olhar para esta situação de forma alegórica, diríamos que um homem e uma mulher viveram num barracão até abril de 1994. Quatro anos depois, continuam a viver juntos num barracão. Há quem diga até que a democracia não trouxe nenhuma diferença nas suas existências materiais, embora ache que isso é demasiado superficial. Na verdade, há mudanças de vários tipos. Houve uma alteração significativa no sistema de governo, apesar das limitações de recursos. O milagre de 1994 continua vivo, apesar destes factores restritivos, que trazem instabilidade. Hoje são distribuídas refeições grátis nas escolas e existe educação pública livre no nível primário. Além disso, regista-se uma mudança muito importante, que algumas pessoas que não viveram sob repressão não compreendem bem – o que significa ser livre.

Eu sou livre. Como descrevo isso a alguém que sempre foi livre? Hoje posso caminhar na rua de cabeça levantada e ter um sentimento de orgulho porque a

minha dignidade, espezinhada durante tanto tempo, é agora respeitada. Tenho um presidente que muito respeito – e que é admirado por todo o mundo. Vivo num país cujos representantes não precisam mais de se esconder da comunidade internacional. Somos aceites globalmente, no desporto, noutras áreas. Portanto, algumas coisas mudaram de forma considerável, embora outras não tenham mudado.

Quando me tornei Arcebispo, em 1986, era considerada uma ofensa deslocar-me e viver em Bishops Court, a residência oficial do arcebispo anglicano da Cidade do Cabo. Agora vivemos numa zona que costumava ser dominada por brancos, mas ninguém vira a cabeça na nossa direção. É como se isto tivesse acontecido durante todas as nossas vidas. As escolas costumavam ter uma segregação racial rígida. Hoje em dia são mistas. Sim, os brancos tendem a frequentar escolas privadas. Mas as escolas públicas, que no passado tinham segregação, são agora abertas a todos. A população escolar reflete a demografia do nosso país.

No passado, defendi que o nosso país devia sofrer sanções internacionais por causa do apartheid. Em consequência, era odiado pela maioria da comunidade branca, a qual dizia que “as sanções irão prejudicar acima de tudo os negros”. Contudo, a prosperidade da África do Sul assentava sobretudo em mão-de-obra barata, fazendo uso de um sistema de trabalho migratório iníquo, que obrigava os negros a viver durante onze meses do ano em albergues temporários, exclusivos a um dos sexos. Até os membros da minha Igreja eram ambivalentes comigo. Por vezes, encontrava graffitis com frases como “Era um anglicano, até que juntei Tu-Tu”. Algumas tinham muita graça: “Deus ama Tutu. Os deuses devem estar loucos.” Se os olhares matassem, teria morrido muitas vezes. Quando entrava num avião em Joanesburgo, ou num comboio na Cidade do Cabo, os olhares que incidiam sobre mim eram petrificantes.

Recebi ameaças de morte – o que na verdade já esperava. Quando se escolhe participar numa luta, é natural que nos tornemos num alvo. Numa disputa há sempre baixas. Claro que não era simpático receber ameaças e outras coisas do género, mas faz parte do percurso.

Quando ameaçaram os meus filhos, então fiquei realmente aborrecido. Mexeu comigo. Compreendia que me fizessem ameaças, mas aqui estavam a ir longe demais, não revelavam um mínimo de decência. Percebiam que não era eu nem a minha mulher ao telefone, era apenas uma criança. Podiam desligar ou pedir para chamar um dos pais, mas não, preferiam ameaçar a criança. Uma dessas ameaças foi feita por um grupo chamado “Comando Branco”. Disseram-me que, ou deixava o país até uma certa data, ou acabavam comigo. Falei com a polícia, que lidou com o problema com sentido de humor. Um agente pediu-me: “Arcebispo, podia fazer-nos um favor e ficar na cama durante esse dia...”

Penso que a minha família sentiria que estava a ser desleal se me pressionasse para alterar a minha conduta. Certa vez, perguntei à minha mulher, Leah: “Desejas que eu pare com a minha luta?” Senti uma força revigorante, como nunca até então, quando ela respondeu: “Preferimos ser infelizes contigo em Robben Island (a ilha sul-africana onde eram encarcerados os prisioneiros políticos negros), do que ter-te por perto infeliz pensando que eras livre (no sentido em que desrespeitaria o que considerava ser um chamamento de Deus)”. Na verdade, se não tivesse seguido a minha luta, tudo saberia de forma amarga.

Seria como viver uma mentira e não há razão para viver dessa forma. Talvez pudesse ter assumido um lugar menos proeminente nesta luta. Mas Deus “agarrou-me pelo pescoço”, como se costuma dizer, à semelhança do que aconteceu com Jeremias, uma personagem muito interessante, a meu ver, uma vez que, segundo as Escrituras, protestou, dizendo: “Enganaste-me, meu Deus. Disseste-me que eu seria um profeta. Mas tudo o que me obrigaste a fazer foi professar palavras de ruína, condenação e crítica contra o povo que tanto amo. E todavia, se eu tentar não dizer tais palavras que desejas que eu diga, elas tornam-se como fogo no meu peito, cuja propagação não consigo evitar.”

É difícil acreditar que vivemos agora no mesmo país. Mas é para mim um grande prazer adaptar-me a estas diferenças, a ocorrências quase opostas ao passado. Na rua, as pessoas param para me cumprimentar e falar comigo. Quando se descobriu que eu tinha cancro, recebi cartões de saudação de todas as partes do mundo. Certa vez, uma mulher branca ofereceu-se para levar as minhas malas e a sua família levantou-se para que eu me pudesse sentar. É uma grande mudança, é como se estivéssemos num outro país.

Quando terminou o apartheid, sabíamos que as nossas opções eram limitadas. Não podíamos ter seguido o exemplo dos tribunais de Nuremberga, pois não havia uma ideia clara de quem tinham sido os vencedores e os derrotados. Uma hipótese teria sido conferir uma amnistia geral ou então afastar tudo e todos do Estado. Mas preferimos não seguir nenhuma destas opções. Não escolhemos o caminho da vingança, preferindo antes a amnistia caso-a-caso, dando espaço para que a verdade se manifestasse, através de apelos individuais ao perdão numa sessão pública, para que o mundo e aqueles diretamente envolvidos nos eventos soubessem o que se tinha passado. Sabíamos que o processo de transição é muito frágil e delicado. Desejávamos a estabilidade, mas ao mesmo tempo ela tinha de se alicerçar na verdade e num esclarecimento cabal dos factos tão rápido quanto possível.

Não devemos ter receio de confrontarmos as pessoas com o mal que praticaram. Perdoar não significa que nos transformemos num tapete ao qual as pessoas limpam o calçado sujo. O Nosso Senhor foi misericordioso. Mas Ele enfrentou os fariseus e aqueles que se comportavam de forma indigna, chamando-lhes “uma geração de víboras”. Perdoar não significa que tenhamos de fingir que as coisas não são como são.

Perdoar é o reconhecimento de que aconteceu algo de iníquo. Perdoar não significa passar um pano sobre o assunto, que é o que acontece quando se usa a expressão “O que passou, passou”. Porque não é verdade. As coisas más que sucederam no passado têm uma incrível capacidade para regressar e assombrar-nos. Perdoar significa que os autores desses males e as pessoas que sofreram por causa disso reconhecem que eles tiveram lugar. Existe aqui necessariamente um confronto. Por vezes, as pessoas pensam que é preferível não serem corrosivas. Mas, às vezes, é preciso levar as pessoas a reconhecerem que agiram de forma incorrecta. Quando o infrator diz “estou arrependido”, as suas vítimas estão então obrigadas, particularmente se forem cristãs, de o perdoar. E neste caso, o perdão significa então verdadeiramente criar a oportunidade de um novo começo.

É como estar num quarto escuro. Há um odor a humidade, as janelas estão fechadas, as cortinas corridas. Mas lá fora o sol

brilha e o ar é fresco. Perdoar significa abrir as cortinas e as janelas, deixar a luz e o ar entrar no quarto, permitir que uma pessoa recomece a sua vida. Uma das belezas do cristianismo é ser uma fé repleta de recomeços, que se repetem uma e outra vez. Deus não diz “apanhei-te!”, mas sim “levanta-te”. Deus agita-nos e Deus incita-nos: “Tenta outra vez”.

Há um tempo, fiz um sermão numa igreja chique, frequentada pela elite da comunidade branca Afrikaner, pertencente à Igreja Reformada Holandesa, tendo sido provavelmente a primeira pessoa negra a fazê-lo. Falei de algumas coisas que descobríamos na Comissão para a Verdade e Reconciliação. Por exemplo, que o governo anterior tinha um programa químico e biológico de propósitos não apenas defensivos, o qual envolvia a procura de um vírus que afetasse apenas a população negra. O governo pretendia envenenar Nelson Mandela, para que ele não sobrevivesse muito tempo após sair da prisão. Um dos pastores da igreja juntou-se a mim no púlpito, visivelmente abalado. Disse que tinha sido capelão militar durante trinta anos, sem nunca ter tido conhecimento de tais factos. Esperava que o pudessem perdoar. Dei-lhe um abraço. Outras pessoas não foram tão francas quanto este caso, mas em geral há muita gente a pedir desculpa. E a maioria das pessoas estão dispostas a perdoar.

Claro que há exemplos contrários, como a família de Steve Biko, que não está preparada para oferecer o seu perdão. Isto demonstra que estamos a lidar com algo difícil, custoso e complexo. Não é fácil concretizar a ideia de reconciliação. E esses casos lembram-nos disso mesmo.

No entanto, é verdadeiramente extraordinário o número de pessoas que sofreram gravemente no período do apartheid e, ainda assim, estão dispostos a perdoar – pessoas das quais esperaríamos estarem consumidas pela amargura e por um desejo de vingança. No contexto das atividades da Comissão, tivemos a oportunidade de considerar um massacre ocorrido aquando de uma manifestação organizada pelo Congresso Nacional Africano. Os soldados abriram fogo sobre a multidão e vinte pessoas foram mortas ou feridas. Fizemos uma audiência, muito concorrida, onde confrontámos algumas das autoridades presentes com as famílias que tinham perdido os seus entes queridos. Foram ouvidos quatro oficiais, um branco e três negros. Numa sala onde a tensão era palpável e o ar quase irrespirável, o oficial branco disse: “Demos ordem aos soldados para disparar”. Em seguida, voltou-se para a audiência geral e afirmou: “Por favor, perdoem-nos. E permitam que os meus colegas sejam novamente integrados na comunidade.” A audiência, até aí enfurecida, irrompeu num aplauso ensurdecedor. Foi um momento incrível. Pedi então a palavra para dizer: “Procuremos manter o silêncio, pois estamos na presença de algo sagrado.”

RECONCILIAÇÃO

DESMOND TUTU

TEMAS
RECONCILIAÇÃO, JUSTIÇA.

DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS

- **Artigo 6.º** direito ao reconhecimento de personalidade jurídica
- **Artigo 7.º** direito à igualdade perante a lei
- **Artigo 8.º** direito a recorrer a tribunais competentes

QUESTÕES-CHAVE

- Que abordagens são usadas para resolver conflitos?
- O que é necessário para ocorrer um processo de reconciliação?

TEMPO NECESSÁRIO

80 minutos

OBJETIVOS

Após esta lição, os alunos devem ter competências para:

- reconhecer o Arcebispo Desmond Tutu como defensor dos direitos humanos e vencedor do Prémio Nobel da Paz.
- distinguir diferentes abordagens na procura pela justiça e resolução de conflitos.
- defender soluções pacíficas para resolver conflitos.

VOCABULÁRIO

- Reconciliação
- Apartheid
- Afrikaner
- Patriotismo
- Justiça reparadora
- Repressão
- Pós-conflito
- Vingança
- Genocídio
- Amnistia
- Congresso Nacional Africano

CONCEITOS

- Justiça
- Direitos humanos
- Responsabilidade individual

TECNOLOGIA NECESSÁRIA

- Acesso à internet

CONSELHOS AOS PROFESSORES

Deve ser proporcionada aos alunos uma introdução a um caso de conflito interno, político ou étnico. É também importante que os alunos tenham um conhecimento acerca da história mundial pós-Segunda Guerra Mundial e algumas noções básicas de relações internacionais.

MATERIAIS NECESSÁRIOS

- Entrevista a Desmond Tutu no livro “Diz a Verdade ao Poder” (também disponível no site www.rfkhumanrights.org)
- Desmond Tutu: “Hope in Troubled Times” (“Esperança em Tempos Conturbados”): <http://www.YouTube.com/watch?v=ILCdwJj37iw>
- Desmond Tutu: “Truth and Reconciliation” (“Verdade e Reconciliação”): <http://blogs.nysut.org/sttp/2010/11/06/video-desmond-tutu/>

ATIVIDADES DOS ALUNOS

PREPARAÇÃO

- Peça aos alunos para lerem a entrevista do Arcebispo Tutu a “Diz a Verdade ao Poder” e assistirem ao vídeo “Desmond Tutu: Truth and Reconciliation (Verdade e Reconciliação)”:
- <http://blogs.nysut.org/stp/defenders/desmond-tutu/>
- <http://blogs.nysut.org/stp/2010/11/06/video-desmond-tutu/>
- Durante estas leituras e visionamentos, os alunos ganharão uma maior compreensão sobre formas de resolver conflitos. Conduza uma discussão baseada nas seguintes questões:
 - (sobre a entrevista): como é o “perdão” definido pelo Arcebispo Tutu? Que exemplos de perdão são por ele dados?
 - (sobre o vídeo) Que três formas de lidar com a reconciliação pós-conflito são oferecidas como exemplos? Qual a interpretação que os alunos fazem de cada um deles? O que pretendia o Arcebispo dizer com a frase “O passado recusa-se a repousar tranquilamente”, referindo-se ao período de reconciliação que se seguiu ao fim do apartheid?

ATIVIDADE N.º 1

(atividade carrossel)

- escreva as seguintes palavras em “post-its”: punição, vingança, reconciliação e retribuição. Cole-os nas paredes das salas.
- Peça aos alunos para escreverem o que lhes ocorre de imediato sobre cada uma destas palavras.
- Divida os alunos em quatro grupos e distribua uma palavra por cada grupo. Promova uma discussão entre cada grupo e, posteriormente, uma apresentação aos demais do que dela resultou.
- Reúna a turma coletivamente. Discutam as respostas e decidam que abordagem poderá trazer a melhor solução para cada uma das situações.

ATIVIDADE N.º 2

Distribua pelos alunos as seguintes frases e promova uma discussão sobre o seu significado:

- “Até que possamos perdoar, nunca seremos livres” (Nelson Mandela, ativista contra o apartheid, antigo Presidente da África do Sul)
- “Se desejas fazer as pazes com o teu inimigo, tens de trabalhar com ele. Ele torna-se então teu parceiro” (Nelson Mandela)
- “A reconciliação implica compreender os dois lados; falar com uma das partes e descrever o sofrimento que incorre sobre a outra parte; e, em seguida, falar com a outra parte e sofrer tal como sofre a parte com quem se falou anteriormente” (Thich Nhat Hanh, monge e ativista vietnamita)
- Divida os alunos em dois grupos para um debate. Permita que os alunos tenham tempo para discutir as suas estratégias para o debate e escrevam alguns pontos de discussão.
- Um dos grupos deve defender que a reconciliação é necessária. Outro grupo deve posicionar-se contra a reconciliação.
- Após o debate, promova uma discussão sobre o facto de não ser necessário que os dois lados do debate se excluam mutuamente.
- Sublinhe que a reconciliação exige justiça.
- Use a seguinte frase:
“A reconciliação deve ser acompanhada pela justiça, caso contrário não será duradoura. Todos desejamos a paz, mas ela não pode ser obtida a qualquer custo. A paz deve basear-se em princípios, na ideia de justiça” (Corazón Aquino, antiga Presidente das Filipinas, primeira mulher presidente na Ásia).
- Destaque a existência de problemas persistentes em certos países ou relativamente a diversos grupos que ainda não se reconciliaram face a conflitos no passado.
- Questione os alunos sobre casos de países nos quais ocorreram processos de reconciliação (bem ou mal sucedidos).
- Peça aos alunos para escolherem uma região ou um país dividido (por motivos políticos, sociais, étnicos, etc.). Os alunos devem escrever um parágrafo em que, tomando a perspectiva de cada um dos lados do conflito, pedem perdão ao outro lado.

ENQUADRAMENTO LEGAL INTERNACIONAL DOS DIREITOS HUMANOS

Desde a adoção da Declaração Universal dos Direitos Humanos (DUDH) pelas Nações Unidas (ONU), em 1948, muitos outros documentos internacionais – tratados, convénios, resoluções ou convenções – foram elaborados para levar estes direitos mais além. Os países comprometem-se a proteger os direitos enumerados nestes tratados através da sua ratificação. Por vezes, a ONU cria instituições específicas que procuram garantir que os vários países estão a cumprir essas disposições legais.

Alguns exemplos de documentos internacionais relevantes nesta matéria:

CONVENÇÃO INTERNACIONAL PARA A ELIMINAÇÃO DE TODAS AS FORMAS DE DISCRIMINAÇÃO RACIAL:

- Artigo 3º** (prevenção, proibição e erradicação de apartheid e segregação racial)
- Artigo 5º** (eliminação da discriminação racial)
- Artigo 6º** (proteção e recursos judiciais contra a discriminação racial).

PACTO INTERNACIONAL SOBRE DIREITOS CIVIS E POLÍTICOS (PIDCP).

PACTO INTERNACIONAL SOBRE DIREITOS ECONÓMICOS, SOCIAIS E CULTURAIS (PIDESC).

Para mais informação, visite o site do Gabinete do Alto Comissariado para os Direitos Humanos: www.ohchr.org

COMO TORNAR-SE UM DEFENSOR DOS DIREITOS HUMANOS

- Veja o vídeo “Desmond Tutu: Hope in Troubled Times (“Esperança em Tempos Conturbados”): <https://www.youtube.com/watch?v=ILCdwJj37iw>. O Arcebispo é conhecido pelo seu papel nas Audiências para a Verdade e Reconciliação na África do Sul, mas acredita firmemente que toda e qualquer pessoa pode fazer a diferença com a sua ação individual.
- Inicie um programa de mediação por pares na sua escola. Caso já exista um, inscreva-se e colabore com o programa.
- Elabore posters ou brochuras para distribuição na escola, centros comunitários, grupo religioso ou associação civil. Esses materiais devem referir-se a um conflito global específico e aos esforços para reconciliar as diferenças entre as partes envolvidas. Tenha em atenção a forma como estes grupos locais podem colaborar com organizações globais.
- Escreva uma peça de teatro sobre um conflito global, onde decorrem negociações para reconciliar as partes antagónicas. Use a informação recolhida da entrevista e dos vídeos com o Arcebispo Tutu, bem como doutrinas das ciências sociais, para redigir um argumento convincente sobre a necessidade de reconciliação.

RECURSOS ADICIONAIS

Conflict Transformation and Reconciliation in Rwanda (Transformação de Conflito e Reconciliação no Ruanda)

<http://www.peacemakers.ca/research/Africa/RwandaPeaceLinks.html>

Este site elenca uma série de organizações que trabalham na promoção da paz no Ruanda e na reconstrução do país. A lista é composta por organizações governamentais, mas também oriundas da sociedade civil, sendo editada maioritariamente pelos próprios leitores.

Race and Reconciliation (Raça e Reconciliação)

<http://www.mott.org/ourissues/Race%20and%20Reconciliation.aspx>

A Fundação Charles Stewart Mott financia organizações que operam na África do Sul e nos Balcãs, com o objetivo de superar os problemas criados por décadas de violência étnica e conflitos raciais.

The Fellowship of Reconciliation (A Irmandade da Reconciliação)

<http://forusa.org/>

A Irmandade da Reconciliação, que tem uma história de quase cem anos na luta pela paz, justiça e não-violência, sublinha o poder da compaixão exercida por indivíduos em todo o mundo, no seu esforço para obter e promover a reconciliação.

EurasiaNet.org

<http://www.eurasianet.org/>

O site EurasiaNet.org fornece informação e análise sobre o desenvolvimento político, económico, ambiental e social em países da Ásia Central e do Cáucaso, e ainda na Rússia, Turquia e no Sudoeste Asiático.

The International Institute for Democracy and Electoral Assistance (International IDEA) (Instituto Internacional para a Democracia e Assistência Eleitoral)

<http://www.idea.int/conflict/sr/>

O Instituto Internacional para a Democracia e Assistência Eleitoral (designado em inglês como International IDEA) tem como prioridade o reforço das instituições e dos processos democráticos, de modo a criar uma democracia mais sustentável, eficaz e legítima.